

Um roteiro a percorrer.

O Museu Histórico Nacional no Guia turístico *Rio de Janeiro e arredores*.

Aline Montenegro Magalhães^{*1*}

Ao completar 90 anos de existência em 2012, e próximo de completar 91 este ano, o Museu Histórico Nacional (MHN) se vê como uma instituição que procura refletir sobre sua própria trajetória, investindo em linhas de pesquisa, com base no seu acervo, e em diálogo com diversas áreas do conhecimento, que vão além da história e da museologia. Um desses investimentos debruça-se sobre a análise das representações indígenas na escrita da história produzida pelo museu ao longo desse tempo de funcionamento.² Outro já se relaciona com os estudos sobre o desenvolvimento do turismo, cujo primeiro trabalho foi apresentado na ANPUH de 2011 e teve como objeto a construção da imagem institucional para o público nos materiais de divulgação produzidos para distribuição.

No presente artigo, pretendemos fazer uma análise inversa. Aqui está em jogo perceber como um guia turístico constrói a imagem do Museu Histórico Nacional para o visitante. De que maneira é mostrado ao turista que incluir a instituição em seu roteiro é um programa interessante?

Tipologia da fonte

O Guia em questão é o *Guia do viajante Rio de Janeiro e arredores*, de 1938, publicado em 1939, pela Companhia Carioca de Artes Gráficas, integrando a série “Os Guias Verdes do Brasil”. Sua capa é verde e parece ter sido o primeiro de uma série sobre outros lugares do país, pois na página que antecede o prefácio há a informação “Edições em preparo: *Rio de Janeiro et ses environs, the state os Minas-Geraes, The state of S. Paulo, The State of Bahia, The United States Of Brazil e Le Brésil*”. Embora com tamanho de uma publicação de bolso, o número avultado de

1 Historiadora. Doutora em História Social pelo PPGHIS/UFRJ. Responsável pela Divisão de Pesquisa do Museu Histórico Nacional

2 Cf.: trabalhos de Mayara Manhães de Oliveira.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

páginas impede um fácil manuseio: 742. Não é um guia ilustrado, mas contém dois mapas muito grandes dobrados. O primeiro, medindo 40 cm X 50 cm, encontra-se logo após o índice, com uma representação da cidade que valoriza sua área central. Tem em primeiro plano a Avenida Rio Branco e, logo em seguida o Morro de Santo Antônio, com a indicação dos pontos a serem visitados pelos turistas. O segundo, do mesmo tamanho, vem ao final do guia e representa as principais rodovias da cidade, que podem levar o viajante para os arredores como Niterói, Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo. Neste mapa, já aparecem as praias da cidade do Rio de Janeiro e adjacências: “as poucas praias naturais que existem ao lado de dentro da baía [de Guanabara], na direção do norte da cidade são [...] situadas em lugares populares, desprovidos de recursos de conforto e de luxo. São porém muito procurados pelas classes mais modestas para seus banhos, quer por prazer, quer de tratamento médico.”³

A citação mostra como a região das praias do centro-norte da cidade já estavam desvalorizadas na época e como a zona sul era mostrada como lugar da “sociedade mais elegante”. A viagem de automóvel do centro da cidade até Ipanema durava cerca de meia hora em velocidade normal. “Percorrendo as avenidas à beira do mar, verá o viajante principalmente grandes edifícios residenciais e hotéis. Se porém penetrar por alguma das ruas transversais e percorrer as longas ruas paralelas primeiras, terá a surpresa de verificar que os bairros de fora da barra são como verdadeiras pequenas cidades [...] restaurantes finos, tudo se encontra nesses bairros de distinção.”⁴

O exemplar aqui analisado foi publicado em português, mas no prefácio, o leitor é informado de que esta primeira edição também teve lançamento em francês, inglês e espanhol. “A edição inglesa, que veio a lume em janeiro deste ano, foi logo absorvida pelo mercado norte-americano, o que, confirmando as nossas previsões, veio dar-nos o mais reconfortante estímulo para prosseguir na obra iniciada, assim, com um êxito acima da nossa melhor expectativa”⁵

Também no prefácio há uma relação entre a divulgação do Brasil através dos Guias produzidos pela Cia Carioca de Artes Gráficas e o desenvolvimento do turismo como meio de

³ *Rio de Janeiro e arredores*. Op. Cit. p. 644.

⁴ Id. p. 643-4

⁵ ORAZI, Angelo. (Diretor da série Guias do Brasil). Prefácio. In: *Rio de Janeiro e arredores*. Op. Cit. P. I

avanço econômico do país. O diretor da série de publicações parece associar as ideias quando agradece à editora:

Não menos valioso, porquanto decisivo, foi o concurso do nosso prestimoso editor, a Cia. Carioca de Artes Graphicas, que indo muito além das meras convenções comerciais, facultou-nos, com o mais vivo interesse patriótico, todas as facilidades e possibilidades para tornar auspiciosa realidade este nosso velho anelo de dotar o nosso país de um dos mais indispensáveis elementos para o desenvolvimento do turismo e, portanto, de eficiente propaganda no exterior e conseqüente expansão econômica do país. [...] Trabalhando todos com o elevado escopo de contribuir para que o Brasil deixe de ser, em breve, o “Grande Desconhecido”, que o Mundo inteiro tanto aneia por conhecer melhor, sentir-nos-emos, cada vez mais, animados pelos superiores designios que inspiram este árduo tentamen”⁶.

Os anseios do diretor da coleção de guias eram os mesmos do Estado Novo varguista que, a partir do mesmo ano de 1939, delegou ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em dezembro, a organização dos serviços de turismo interno e externo, bem como a propaganda turística.⁷ E o Guia em questão apenas contribuiu para essa construção da imagem do Brasil, do Rio de Janeiro e do Museu Histórico Nacional para os turistas. No índice, já é possível ter uma ideia dessa imagem a partir do que estava sendo privilegiado como um roteiro para os viajantes que buscavam desbravar o “Grande Desconhecido”.

A primeira parte é dedicada aos “Dados gerais sobre o Brasil”: “ambiente físico”, “síntese histórica”, “demografia”, “organização política”, “vida cultural” e “vida econômica”. E lá se vão as sessenta e uma páginas iniciais. A segunda parte já se volta para o Rio de Janeiro, dividindo-se nas mesmas chaves temáticas: “ambiente físico”, “resumo histórico” e “organização do distrito Federal”.

Na terceira parte do Guia, o viajante se depara com informações mais práticas em relação ao lugar e à viagem em si: “Informações gerais”, onde se encontram dados como “épocas da estação”, “idioma”, “moeda corrente”, “pesos e medidas” e “média do custo da vida”. “Como obter informações no estrangeiro” é outro item que deve interessar. Entre embaixadas, legações e

6 Id. p. III

7 Cf.: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/DIP>

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

agências de viagem, é indicado a quem procura, “Escritórios de propaganda e expansão comercial do Brasil no Exterior”, ligados ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Até aquele momento já existiam escritórios como estes em sete países: Alemanha, Argentina, Estados Unidos, França, Japão, Tcheco eslováquia e Itália.

A quarta parte da publicação denomina-se “Chegada ao Rio de Janeiro” e subdivide-se em “Formalidades para o desembarque”, “onde se hospedar” - podendo nos dar um panorama sobre as hospedarias da época - , “correios, telégrafos e telefones”, “Bancos – casas bancárias – casas de câmbio”, “embaixadas – legações – consulados”, “O Porto do Rio de Janeiro [...] Aeroportos, [...] Estradas de ferro – Agências de viagem”, “Circulação”.

A parte seguinte já se refere à “Estada no Rio de Janeiro” e inicialmente parece bem confusa. Fala da fisionomia da cidade, depois fala sobre o governo federal, dedica uma parte ao Departamento Nacional do Café e à Polícia Civil. Faz comentários curtos sobre guias intérpretes, gorjetas e mensageiros. Depois entra em vida noturna, restaurantes, confeitarias, sorveterias, bares e cafés. Separadamente aborda “pratos brasileiros”, “mate”, “especialidades brasileiras comestíveis”, “mercados – entrepostos de peixe – matadouros – feiras livres. Em seguida muda radicalmente de assunto abordando “Casas de negócio especializadas”, “Flores e plantas ornamentais”, “Fotografia”, “Livrarias”, “Filatelia”, “Perfumaria”, “Tabacos”, “Instituto de Beleza etc.”, “Hospitais etc.” e “Cemitérios”.

A sexta parte do Guia denomina-se “Rio Intelectual” e é nessa parte que estão as universidades, as bibliotecas, os museus, a imprensa e o Departamento Nacional de Propaganda do Brasil, além das instituições científicas e culturais, como a Academia Brasileira de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Como a parte anterior, as demais partes do Guia adjetivam a cidade a partir de um determinado interesse do viajante. A parte seguinte, por exemplo é a do “Rio Monumental”. Apresenta ao leitor os monumentos públicos, os parques e jardins, os edifícios públicos e os clubes e associações. Já a próxima, “Rio Religioso” é dedicada apenas ao catolicismo. Trata-se da cidade das igrejas, dos templos e palácios católicos.

A nona parte do Guia é voltada para as “Festas populares – certames internacionais, esportes e diversões. Estão no mesmo grupo feiras, partidas de futebol e basquete, bem como teatros,

cinemas e cabarés.

As décima e décima-primeira partes, da publicação já direcionam o viajante para fora da cidade. Apresentam passeios e excursões para os arredores como Niterói, Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo, Cabo Frio, Mangaratiba e Angra dos Reis. Finalizando, há “outras atrações turísticas”, “Bibliografia” e “Índice bibliográfico”.

O Guia merece uma análise acurada de todas essas partes descritas aqui. Assim teríamos uma ideia dos roteiros destinados a atrair os viajantes para o Brasil e, mais especificamente para a cidade do Rio de Janeiro e seu entorno. Entretanto, como o nosso foco são os museus, em especial, o Museu Histórico Nacional, deixaremos a análise mais ampla da publicação para outra oportunidade.

Os museus no Guia Rio de Janeiro e Arredores

Quando abordamos a presença dos museus no roteiro apresentado pelo *Guia*, o primeiro aspecto que chama atenção é sua localização na seção “Rio Intelectual”. Os museus são apresentados juntamente com as universidades que na época eram duas, a Universidade do Brasil e a Universidade do Distrito Federal, com as bibliotecas, como a Biblioteca Nacional, com a Escola Nacional de Música, a Imprensa, o Departamento Nacional de Propaganda do Brasil e as instituições científicas e culturais como a Liga Esperantistas Brasileira, o Clube de Engenharia e o Instituto da Ordem dos Advogados. A inserção dos museus nessa parte da publicação tem relação com uma concepção que se tinha desses lugares na época. Essas instituições eram vistas como lugares de ciência⁸ e educação, conforme a própria descrição sobre o Museu Nacional disponibilizada ao leitor: “[...] sendo um verdadeiro Museu de História Natural, não é, apenas, um repositório de mostruários: é um vasto campo de estudos e pesquisas científicas. Os “Arquivos” e o “Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro formam uma vasta bibliografia de notáveis trabalhos científicos”⁹ Outro

8 Sobre os museus como lugar de ciência, Cf.: LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus de ciências naturais no século XIX*. São Paulo, Hucitec, 1997.

9 *Rio de Janeiro e arredores*. Op. Cit. p. 345-6

exemplo desta concepção está presente na prioridade dada ao Curso de Museus do Museu Histórico Nacional quando se começa a falar sobre esta instituição no *Guia*.¹⁰

Os museus da cidade apresentados no *Guia* são 7: Museu Nacional, Museu Histórico Nacional, Casa Ruy Barbosa, Museu da paleontologia, Petrografia e Mineralogia, Museu de Arte Retrospectiva, Museu Simões da Silva, Museu Nacional de Belas Artes e Escola Nacional de Belas Artes. Não se sabe precisar se eram os únicos existentes na cidade na época, ou se eram os mais importantes. É bem provável que fossem os únicos, pelo compromisso que a publicação tinha em dar as informações o mais completas possível sobre o destino dos viajantes. Mas não cabe aqui saber se eram ou não.

O que vale dizer é que as instituições que mereceram mais páginas do *Guia* foram o Museu Nacional, com 42 e o Museu Histórico Nacional, com 39. Talvez por serem as maiores em termos de edificação e número de coleções, mas também pode ter sido por serem as mais antigas, tendo sido a primeira inaugurada em 1818 e a segunda em 1922. O Museu Simões da Silva, uma instituição particular tem 17 páginas a ele dedicadas, depois vem o Museu Nacional de Belas Artes com 15, a Casa de Ruy Barbosa com 9 e os dois últimos, quais sejam, o Museu da paleontologia, Petrografia e Mineralogia e o Museu de Arte Retrospectiva, com 4 cada.

A apresentação de cada museu é iniciada com os informes gerais sobre localização, formas de se chegar, referências, horário de funcionamento e telefone para contato. Em seguida há uma parte dedicada à história da instituição para adentrar o universo das coleções expostas. Era como se o leitor da publicação estivesse sendo levado mesmo pelas galerias de exposição. No caso do Museu Nacional e do Museu Histórico, a descrição dos espaços e do acervo exposto, com direito a comentários minuciosos sobre alguns objetos considerados interessantes ou curiosos parecia querer proporcionar uma viagem imaginária antes da visita ao local. Certamente, para aguçar a curiosidade do viajante, o que não acontece na apresentação de outros museus na publicação.

3a sala da frente – Etnografia Brasileira – Dedicada, especialmente, às coleções dos índios Canella-Remkokamekra – tribo do grupo gé-crando Maranhão (aldeia do Ponto, Barra do Coda) organizadas pelo notável

10 Cf.: id. p. 385. O Curso de Museus foi criado em 1932 e era voltado para formação de profissional especializado para trabalhar nos museus. Atualmente é a Escola de Museologia da UNIRIO.

etnógrafo Curt-Nimuendajú.

Em 8 armários notam-se, do lado esquerdo: armas, bastões ou tacapes cerimoniais, bодоques (...) fundas, arcos e flechas infantis, flechas de ponta emboladas, etc.

Nos dois armários seguintes há utensílios domésticos e agrícolas (...). Nos armários à direita, encontram-se sucessivamente: artefatos de palha, brinquedos, inclusive figuras de pássaros e outras, em palha, e bonecos de talos de palmeira burity. Num dos armários: objetos de indumentária, ornatos de orelha (grandes discos, de madeira), coroas de palha, faixas de algodão, além de desenhos de cordeis (tipo “cama de gato”).

No último armário: objetos usados nas práticas religiosas e sociais indígenas: máscaras de cabaça, maracás, petecas de palhas de milho, trombetas feitas de cabaças e de chifre, etc. Esta coleção é notável pela sua organização técnica sistemática.

Ao alto das portas: vestes para as festas mascaradas da mesma tribo.

Junto à parede do lado esquerdo, em vitrines, veem-se duas múmias de indígenas encontradas numa caverna do morro da babilônia, o Estado de Minas Gerais, com a circunstância notável que não são múmias preparadas, mas sim cadáveres mumificados naturalmente.

Encontram-se ainda, nesta sala, alguns artefatos grosseiros, de pedra, do litoral do Sul e um bloco de conchas de um sambaqui do Estado de S. Paulo.¹¹

No caso do Museu de arte retrospectiva, por exemplo, não se fala sobre as salas de exposição, apenas dos objetos. Já no caso da Casa de Ruy Barbosa, o leitor percorre todas as salas do museu, bem como o entorno da edificação onde morou o político, mas as descrições dos espaços não são tão detalhadas, como se pode perceber: “A terceira porta é a sala n. 3, quarto de dormir de Ruy Barbosa. Nesse compartimento nada de interessante existe, a não ser a bela cama onde expirou o grande intelectual”¹²

O fato de não haver uma padronização na forma de levar o leitor a conhecer os museus para programar suas visitas, nos faz questionar se esses roteiros foram elaborados pelos próprios editores

11 Id. p. 355-6

12 Id. p. 427

do *Guia* ou se foram solicitados às instituições e cada um enviou o seu, a seu modo e o *Guia* publicou da maneira que recebeu. A segunda hipótese parece ser a mais provável. Mas vale lembrar que o MHN não possuía nenhum catálogo ou guia do visitante com a disposição das salas apresentada na publicação em questão. Será que elaborou o roteiro especialmente para entregar aos editores? Ou esse roteiro foi a versão preliminar do guia que só veio a público em 1955, de forma bem mais reduzida? Para responder essas questões será preciso cotejar outros documentos, objetivo que não perderemos de vista no desdobramento deste estudo. Por ora, vamos procurar compreender que Museu Histórico Nacional os viajantes se sentiriam atraídos para incluir no seu pacote de atrações turísticas.

O Museu histórico Nacional no Rio de Janeiro e Arredores

O Museu Histórico Nacional do *Guia* é muito singular. A narrativa que o apresenta ao leitor nos permite percorrer as salas e acessos de forma imaginária numa possibilidade ímpar que, em nenhum outro material de divulgação institucional isso foi possibilitado de tal maneira¹³. Os 24 espaços de exposição, sendo 20 salas mais hall, escada, arcadas e pátios são descritos com todos os objetos que abrigam, em suas disposições. Como já foi dito anteriormente, além das informações sobre o acervo exposto, ainda há, em alguns casos, notas explicativas. É o caso da presença de objetos da Marquesa de Santos na Sala do Primeiro Reinado: “Vemos após retratos de d. Domitila de Canto e Castro, Marquesa de Santos, **que foi amante do primeiro Imperador do Brasil** [...]; sombrinha com cabo de marfim trabalhado, pertencente à Marquesa de Santos”¹⁴

Com essas notas explicativas, quem não conhecia a história do Brasil, não ficava perdido no contexto da exposição, haja vista que o padrão museográfico daquela época não disponibilizava textos para os visitantes. Acreditava-se que quanto menos textos junto ao acervo, melhor seria o

13 Sobre os materiais de divulgação que a instituição produziu para distribuição junto ao público Cf.: MAGALHÃES, Aline Montenegro. De guarda-tesouro a espaço de lazer: o Museu Histórico Nacional e o turismo. In: História do Turismo no Brasil. (Prelo – com lançamento previsto para julho de 2013)

14 *Rio de Janeiro e arredores*. Op. Cit. p. 410 [grifo nosso].

contato das pessoas com os vestígios do passado, entendidos como relíquias, tesouros. Os textos deveriam ser sucintos, de preferência em pequenas legendas, para não interferir muito nessa relação homem – objeto. O exercício da imaginação e dos sentidos deveria se sobrepor ao intelecto. Daí a importância da leitura prévia de um material como um guia ou um catálogo.¹⁵

As galerias eram apresentadas segundo suas denominações. Entre as 20 que a instituição possuía na época, 6 eram dedicadas a membros da família Guinle: Arnaldo (Armaria e Guerra), Guilhermina (acervo diversificado de diversas épocas como: mobiliário e joias), Guilherme (Numismática), Carlos e Gilda O. R. (Marinha), Otávio (acervo diversificado como “documentos históricos autógrafos” entre os quais, Carta de licenciado em Direito do Visconde de Abaeté datada de 1820 e Carta de Mercê de d. João VI. Entretanto, predominava os coches e carros do período imperial). A marcante presença dos Guinle no circuito expositivo dedicado à história do Brasil dava-se em função de um processo de *fabricação de imortais* baseado no incentivo a doações ao Museu Histórico Nacional. Em troca de ofertas para a instituição o patrono recebia uma sala em sua homenagem ou a alguém da família que tivesse relação com a coleção ofertada ao museu. Os Guinle fizeram grandes doações, mas em doses homeopáticas e por um longo tempo, desde os primeiros anos de funcionamento da instituição. Para se ter uma ideia, no Catálogo de 1924, primeira publicação do MHN, já se publica informações sobre uma grande doação de acervo numismático oriunda dos Guinle. E a cada dádiva, uma homenagem.

Regina Abreu estudou esse processo ao debruçar-se sobre o caso da doação da coleção Miguel Calmon, compreendendo-o como um fenômeno de troca de presentes.¹⁶ Em 1936, por uma das maiores coleções que o MHN já recebeu em toda a sua história, Gustavo Barroso, então diretor, se comprometeu a associar o nome de Miguel Calmon e da sua família à história nacional

15 Sobre o papel da palavra nas exposições de história, Cf.: MAGALHÃES, Aline Montenegro e RAMOS, Francisco Régis Lopes. De objetos a palavras. Reflexões sobre exposições em museus de história. In: 2 Encontro estadual de museus de Minas Gerais. Mediação em museus: curadorias, exposições e ação educativa, 2008, Belo Horizonte. Caderno de diretrizes museológicas. Mediação em museus: curadorias, exposições e ação educativa.. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de cultura de Minas Gerais, Superintendência de museus, 2008. v. 2. p. 48-69. e MAGALHÃES, Aline Montenegro . Evocação do passado e entendimento da história no Museu Histórico Nacional. In: Manoel Luiz Salgado Guimarães e Francisco Régis Lopes Ramos. (Org.). Futuro do pretérito: escrita da história e história do museu. 1ed.Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/Expressão Gráfica Editora, 2010, v. 1, p. 337-365.

16 Sobre a doação da coleção Miguel Calmon Cf. ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal*. Memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

representada no circuito expositivo. Assim, em 1939, a sala Miguel Calmon também consta no Guia aqui analisado, abrigando todo o seu acervo particular, basicamente a reprodução do seu solar no Recôncavo Baiano, que era rigorosamente cuidado por sua viúva. Na descrição deste espaço no Guia, há um esforço em relacionar os objetos da coleção particular do patrono à história nacional representada no museu: “Sala que contem não somente **belos e valiosos** exemplares de objetos de uso nos primeiro e segundo Reinados, como também interessantes mobiliários usados no Velho Solar da família Calmon”¹⁷ A adjetivação poupa o leitor da descrição dos objetos, não deixando claro que tipo de objetos são.

Além dessas salas o Guia ainda apresenta: Pátio (com canhões de várias épocas, desde o período colonial até o Segundo Reinado), Sala Luiz Gama (com objetos relacionados aos negros e à escravidão), Sala dos Ottonis (Também dedicada ao Segundo Reinado, com ênfase ao mobiliário), Sala Smith de Vasconcellos (Dedicada à exposição de porcelanas), Sala Mendes Campos (com objetos relacionados à Igreja Católica), Salas Sotto Maior e Zeferino de Oliveira (Salas com objetos de numismática como moedas e medalhas portuguesas, bem como medalhas comemorativas), Salas Almirante Barroso (com acervo relativo ao primeiro e segundo Reinado), Sala Almirante Marques de Tamandaré (com objetos relativos à Marinha), Sala Osório, seguida da Sala dos Troféus (Objetos pessoais do militar com acervo relativo à Guerra do Paraguai). Finalizando o circuito tem-se as três salas com nomes de períodos históricos e não de heróis ou patronos: Segundo Reinado, Primeiro Reinado e República.

Ao percorrermos as salas apresentadas pelo *Guia* podemos construir a concepção de história que regia a produção das exposições, bem como nos deparamos com uma singularidade que não estará presente nos materiais de divulgação confeccionados posteriormente e, muito provavelmente no próprio circuito, em função de outras demandas. No que tange ao primeiro aspecto, me parece claro que a história como *mestra da vida* se faz presente como condutora dos visitantes entre heróis e patronos que representam exemplos a serem seguidos nos diferentes pilares da civilização brasileira, quais sejam: as forças armadas, o Estado, a Igreja e a própria aristocracia. O período histórico mais enfatizado é o Segundo Reinado, tido por muitos, inclusive por Barroso, que vivia uma certa nostalgia da monarquia nos anos sombrios da República, como “quase 50 anos de

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

bondade”. A síntese da história nacional que se vai conhecer ao cruzar seu portal é explicada logo após a apresentação do histórico da instituição e do Curso de Museus que ali funcionava: “Na portaria estão expostos três grandes bustos em gesso, de autoria do escultor Bernardelli representando d. João VI, rei de Portugal, Brasil e Algarves, João Evangelista de Souza, visconde de Mauá e José da Silva Lisboa, Visconde de Cayru.”¹⁸ O motivo desses três “vultos ilustres” estarem recepcionando os visitantes é explicado a seguir:

d. João VI foi o soberano português que, [...], preparou o Brasil para sua Independência com medidas que soube tomar, ao se estabelecer no Rio de Janeiro com a sua Corte, não somente libertando o comércio brasileiro do monopólio em que o mantinha a Metrópole [...] o visconde de Mauá foi o gênio industrial brasileiro durante o Segundo Reinado [...] o visconde de Cayru [...] foi um grande comercialista e economista a ele se devendo a divulgação, no Brasil, dos princípios liberais de economia política e a magistral obra 'Princípios do Direito Mercantil', que serviu de base para a elaboração do Código comercial Brasileiro.¹⁹

Nessa perspectiva, o leitor recebia a explicação de que sua recepção no Museu seria feita pelos pilares do desenvolvimento do país: o patrono da independência política e criador das bases do Estado Nacional, bem como os pioneiros da indústria e do comércio, sem os quais, o país não se desenvolveria. Ao circular pelas salas já teria a ideia de que esse país teria se consolidado no Segundo Reinado. Quer dizer, mais do que adentrar as salas, mas continuar a leitura do próprio *Guia*, pois era ele que fornecia as informações sobre a história e a relação da exposição com ela. Ao explicar a sala Smith de Vasconcellos, por exemplo, mais uma exaltação ao período de d. Pedro II:

Nesta quarta sala, [...] estão expostas coleções de porcelanas, não somente de uso da Cassa Imperial brasileira, como também das casas dos grandes titulares brasileiros que tiveram grande opulência durante o Segundo Reinado. Esse apogeu social brasileiro foi atingido somente durante o governo de d. Pedro II, quando a lavoura do café, no Vale do Rio Paraíba, promoveu a eclosão do grande fastígio econômico que dominou aquela época.²⁰

18 Id. p. 385

19 Id. Ibid.

20 Id. p. 395.

Em relação à singularidade citada acima, me refiro à sala Luiz Gama, dedicada aos negros e à escravidão. Não se trata bem de uma sala, mas um hall, embaixo de uma escada, que no Guia do visitante de 1955 já não aparece mais. Nesta sala há instrumentos de castigo de escravos, joias de escravas, objetos confeccionados por Aleijadinho, objetos rituais utilizados pelos negros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Ouro Preto, bem como escultura representando uma deusa africana, enfim. O *Guia* é o único material que apresenta este espaço de representação dos negros. Não se sabe quando foi criado e nem quando foi excluído do circuito, muito menos os motivos que levaram à criação e exclusão. Conhecer esse espaço e os objetos nele relacionados nos mobiliza para investimos em um estudo mais aprofundado a respeito das representações sobre os negros na instituição, uma vez que, as fontes até então pesquisadas apontavam para uma quase ausência de referências.

Considerações temporárias

Após análise da apresentação do Museu Histórico Nacional no *Guia Rio de Janeiro e Arredores* é possível reforçar a hipótese de que todo o texto foi produzido pela instituição e enviado para os editores. Talvez esse texto pode ter sido inviável para reprodução nos materiais de divulgação confeccionados internamente, posteriormente, pela preferência em se ilustrar mais com fotografias das fachadas e dos ambientes internos do circuito expositivo. Ou então pelas próprias mudanças sofridas na disposição das salas. Enfim, duas passagens da publicação nos levaram a tomar essa posição. Uma é quando se refere a duas salas dedicadas à numismática que não são detalhadas na publicação. Se fosse uma pessoa da própria edição do *Guia* a percorrer os espaços expositivos, ela simplesmente colocaria suas impressões nas páginas. Mas não procedeu assim. O leitor ficou sem ter as informações a respeito e teve como justificativa o seguinte: “os catálogos dessas duas salas estão, ainda, em vias de organização”²¹

A outra passagem é um parecer que só pode ser dito por quem está dentro da instituição: “numa parede o mapa arquitetural da cidade do Rio de Janeiro, vendo-se no chão, embaixo, as

21 Id. p. 404

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

pedras litográficas que serviram para sua impressão. Esse mapa tem sido objeto de admiração dos estrangeiros, que **nos visitam.**”²²

Acreditamos que a análise da publicação nos deixou mais questionamentos do que conclusões. Nos mostrou sua potencialidade para pesquisa sobre o turismo no Rio de Janeiro de finais da década de 1930, os pontos da cidade a serem explorados e, em relação ao Museu Histórico Nacional, um manancial de problemas. O roteiro apresentado nos permite reconstituir a trajetória de alguns objetos dentro do museu, refazer determinados percursos expositivos e compreender os usos que o viajante poderia fazer desse material como mediador de uma história tridimensional. São muitas viagens possíveis.

22 Id. p. 410 [grifo nosso]